

intrínseca

A

SERPENTE

DE ESSEX

SARAH PERRY

DISPONÍVEL NO



A  
SERPENTE  
DE ESSEX

SARAH PERRY

Tradução de Regina Lyra



Copyright © Sarah Perry 2016

Publicado originalmente na Grã-Bretanha em 2016 por Serpent's Tail, um selo de Profile Books Ltd

TÍTULO ORIGINAL  
*The Essex Serpent*

PREPARAÇÃO  
Natalia Klusmann

REVISÃO  
Eduardo Carneiro  
Rayana Faria

DIAGRAMAÇÃO  
Ilustrarte Design e Produção Editorial

IMAGEM DA CAPA  
NSA Digital Archive

ADAPTAÇÃO DE CAPA  
Julio Moreira

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P547s

Perry, Sarah, 1979-

A serpente de essex / Sarah Perry ; tradução Regina Lyra. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2022.

416 p. ; 23 cm.

Tradução de: The essex serpent  
ISBN 978-65-5560-463-4

1. Ficção inglesa. I. Lyra, Regina. II. Título.

22-76337

CDD: 823  
CDU: 82-3(810)

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

[2022]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 6ª andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Se me forçarem a dizer por que o amei, hei de responder tão somente que foi porque ele era ele e eu era eu.

Michel de Montaigne, *Sobre a amizade*

VÉSPERA DE  
ANO-NOVO

Um jovem caminha às margens do rio Blackwater sob a fria lua cheia. Faz pouco estava bebendo o ano velho até a última gota, até os olhos arderem e o estômago revirar, mas se cansou das luzes brilhantes e do alvoroço. “Vou dar uma volta na beira do rio”, falou, beijando a bochecha mais próxima: “Volto antes das badaladas.” Agora ele olha para a maré mutante, para o estuário lento e escuro e para as gaivotas brancas cintilando sobre as ondas.

Ele deveria sentir o frio que está fazendo, mas se encheu de cerveja e está com o casaco grosso para grandes ocasiões. A gola pinica a base do pescoço: se sente estonteado e agoniado, e a boca está seca. *Vou dar um mergulho*, pensa, *isso vai me relaxar*. Descendo, então, da trilha em que estava, fica de pé sozinho na praia, onde, nas profundezas da lama escura, todos os riachos esperam a maré.

“*I’ll take a cup o’ kindness yet*”, canta em sua voz doce de tenor de coral de igreja, depois ri, e alguém ri de volta. Abre o casaco, mas não basta: quer sentir o vento afiar as arestas sobre a pele. Aproxima-se da água e com a língua prova o ar salgado. *Sim, vou dar um mergulho*, pensa, jogando o casaco no solo pantanoso. Já fez isso antes, afinal, quando era garoto e tinha uma boa companhia: a bravata corajosa de um mergulho à meia-noite enquanto o ano velho morre nos braços do ano novo. A maré está baixa — o vento amainou — e o Blackwater não teme nada: se lhe derem um copo, ele o seca num gole, sal e conchas, ostras e todo o resto.

Mas alguma coisa se altera numa virada da maré ou numa mudança do ar: a superfície do estuário muda — parece (ele dá um passo à frente) pulsar e latejar, para depois ficar escorregadia e inerte; não demora, porém, para convulsionar, como se estremecesse sob um toque. Ele se aproxima mais, ainda sem medo; as gaivotas alçam voo, uma a uma, e a última emite um grito de consternação.

O inverno o atinge como um soco na nuca: ele sente o clima penetrar na camisa e nos ossos. A euforia do álcool se foi e ele não está confortável ali



no escuro — procura o casaco, mas as nuvens escondem a lua e o deixam cego. Sua respiração é lenta, o ar está repleto de espinhos; o pântano a seus pés de repente fica úmido, como se algo tivesse deslocado a água. *Nada, não é nada*, pensa, tateando ao redor em busca de coragem, mas lá está de novo: um estranho momento estático, como se ele olhasse para uma fotografia, seguido por um movimento irregular e frenético que não pode ser apenas a influência da lua nas marés. Ele pensa ver — tem *certeza* de que vê — o movimento vagaroso de uma criatura enorme, encurvada, sinistramente coberta de escamas ásperas e sobrepostas; então, ela some.

Na escuridão, o medo começa a invadi-lo. Tem alguma coisa ali, ele sente, alguma coisa que não tem pressa — implacável, monstruosa, nascida na água, sempre a vigiá-lo. Ela dormia nas profundezas e enfim emergiu: ele a imagina enfrentando a onda, avidamente farejando o ar. É tomado de assalto pelo pânico — o coração parece estancar no peito. No espaço de um segundo, foi denunciado, condenado e levado a julgamento: oh, como foi pecador — que semente das trevas carrega em seu âmago! Sente-se pilhado, esvaziado de toda a bondade: nada tem a alegar em defesa própria. Olha de novo para o soturno Blackwater e torna a ver — alguma coisa cortando a superfície e voltando a sumir... Sim, o tempo todo a coisa esteve ali, aguardando, e enfim o encontrou. Uma calma curiosa o preenche: a justiça precisa ser feita, afinal, e ele há de se declarar culpado, voluntariamente. É tudo remorso e não há redenção, e ele não merece menos que isso.

Mas então o vento retorna e arranca a nuvem que tapava a tímida lua, que mostra a face. Uma claridade escassa, sem dúvida, mas já é um consolo — e, ora, lá está seu casaco, a menos de um metro, sujo de lama na barra; as gaivotas voltam à água e ele se sente totalmente tolo. Do caminho acima vem o som de gargalhadas: uma garota e o namorado em trajes de festa — ele acena e grita: “Estou aqui! Estou aqui!” *E eu estou aqui*, pensa: naquele pântano que conhece mais do que a própria casa, com a maré virando devagar e sem nada a temer. *Monstruosol!*, reflete, rindo sozinho, zonzinho de alívio: como se houvesse algo ali além de arenques e cavalas!

Nada a temer no Blackwater, nada do que se arrepender: apenas um momento de confusão no escuro e álcool muito além da conta. A água vem encontrá-lo e volta a ser sua velha companheira; como prova, ele se aproxima, molha os sapatos, estende os braços: “Aqui estou!”, grita, e as gaivotas respondem. *Só um mergulho rápido, em nome dos velhos tempos*, pensa e, rindo, se livra da camisa.

O pêndulo oscila de um ano para o seguinte e a escuridão cobre o abismo.



I

NOTÍCIAS  
ESTRANHAS  
DE ESSEX

JANEIRO

## I

**E**ra uma da tarde de um dia sem graça e a esfera do tempo se deslocou no Observatório de Greenwich. Havia gelo no meridiano primário e também no cordame das barcaças avantajadas no movimentado Tâmis. Barqueiros marcavam o tempo e a maré e enfunavam suas velas avermelhadas contra o vento nordeste; uma carga de ferro seguia para a fundição de Whitechapel, onde os sinos dobravam cinquenta vezes sobre as bigornas, como se o tempo estivesse acabando. O tempo era passado atrás dos muros da prisão Newgate e jogado fora pelos filósofos nos cafés da Strand; perdido por aqueles que desejavam que o passado fosse presente e abominado por quem desejava que o presente já tivesse passado. Os sinos de St. Clement's badalavam rimas infantis e o sino da divisão estava mudo no Parlamento.

Tempo era dinheiro no Royal Exchange, onde os homens passavam a tarde reduzindo a esperança de atravessar camelos pelo buraco de uma agulha, e nos escritórios do Holborn Bars a engrenagem de um relógio mestre causou uma descarga elétrica que disparou os badalos de seus doze relógios escravos. Todos os funcionários ergueram os olhos de seus livros contábeis, deram um suspiro e voltaram a baixar a cabeça. Na Charing Cross Road, o tempo substituiu a carruagem por ônibus e cabriolés em frota apressadas, e nas enfermarias do Barts e do Royal Borough a dor transformava minutos em horas. Na capela de Wesley, cantava-se *As areias do tempo estão afundando* e o desejo ali era que afundassem com mais rapidez. A metros de distância, o gelo derretia nas tumbas em Bunhill Fields.

Em Lincoln's Inn e Middle Temple, advogados olhavam suas agendas e viam esgotarem-se prazos de prescrição; em quartos em Camden e Woolwich, o tempo era cruel com os amantes que se perguntavam como ficara tarde tão cedo e, no devido momento, se mostrava generoso com suas feridas banais. Por toda a cidade, em casas de dois andares enfileira-

das e em cortiços, na alta sociedade, entre os marginais e entre as classes mais baixas, o tempo era usado e esbanjado, poupado e perdido; e o tempo todo caía uma chuva gélida.

Em Euston Square e Paddington, as estações de metrô recebiam os passageiros, que ali se derramavam de um jeito similar a matérias-primas prestes a serem moídas, processadas e enformadas. Num vagão da Linha Circular, indo na direção oeste, luzes espasmódicas revelavam que o *Times* nada tinha de alegre para noticiar, e no corredor entre os bancos uma sacola tombou e dela rolaram frutas amassadas. Havia cheiro de chuva nas capas impermeáveis, e em meio aos passageiros, com o pescoço enterrado debaixo da gola levantada, o dr. Luke Garrett recitava as partes do coração humano:

— Ventrículo esquerdo, ventrículo direito, veia cava superior — listou, usando os dedos para ajudar na enumeração, torcendo para que a litania acalmasse as batidas ansiosas do próprio coração.

O homem sentado ao lado do doutor ergueu o olhar, divertido, e depois se acomodou, dando de ombros.

— Átrio esquerdo, átrio direito — retomou Garrett, em voz baixa.

Estava habituado ao escrutínio de estranhos, mas não via motivo para provocá-lo sem razão. O Diabrete — como costumavam chamá-lo, pois dificilmente chegava a passar do ombro de outros homens — tinha o hábito de andar a meio-trote, levando as pessoas a imaginar que poderia pular sobre um parapeito de janela a qualquer momento. Era possível ver, mesmo por baixo do sobretudo, uma espécie de firmeza constante nas pernas, e a testa se projetava numa protuberância arredondada acima dos olhos, como se mal conseguisse conter a amplitude e a ferocidade do seu intelecto. Usava uma longa franja negra que imitava a extremidade da asa de um corvo; por baixo dela, os olhos eram escuros. Contava trinta e dois anos; era cirurgião e dono de uma mente faminta e desobediente.

As luzes se apagaram e voltaram a se acender, e o destino de Garrett ficou mais próximo. Ele era esperado na hora seguinte no enterro de um paciente, e homem algum jamais usou uma roupa de luto com tamanha alegria. Michael Seaborne morrera de câncer na garganta seis dias antes,

tendo lidado com a doença desgastante e as atenções do médico com igual indiferença. Não era, contudo, para o defunto que os pensamentos de Garrett estavam voltados nesse momento, mas para a viúva, que (pensou ele, sorrindo) talvez estivesse escovando o cabelo desalinhado ou descobrindo que o vestido preto formal perdera um botão.

O luto de Cora Seaborne fora o mais estranho de todos que ele já vira — por sua vez, o médico soube logo ao chegar à casa da Foulis Street que havia algo de errado. O clima naqueles aposentos de pé-direito alto era de um evidente mal-estar que pouco parecia ter a ver com a doença. O paciente, à época, ainda se mostrava relativamente bem, embora fosse dado a usar um *foulard* fazendo as vezes de atadura. O *foulard* era sempre de seda, sempre de cor clara e com frequência levemente manchado: em um homem tão meticuloso era impossível imaginar que isso se desse de forma inconsciente, e Luke desconfiou que o objetivo fosse constranger as visitas. Seaborne conseguia passar a impressão de ser alto graças a uma magreza extrema, e falava tão baixo que obrigava o interlocutor a se aproximar para ouvi-lo. A voz era sibilante. Ele era cortês e suas unhas tinham uma tonalidade arroxeadada. Encarara a primeira consulta com tranquilidade e recusara a oferta de cirurgia.

— Pretendo partir do mundo como nele cheguei — disse, acariciando a seda que lhe cobria a garganta. — Sem cicatrizes.

— Não há necessidade de sofrimento — reagiu Luke, oferecendo um consolo não solicitado.

— Sofrimento! — A ideia evidentemente o divertiu. — Uma experiência instrutiva, garanto. — Acrescentou, então, como se uma ideia necessariamente sucedesse outra: — Me diga: já conhece a minha esposa?

Garrett se recordava com frequência da primeira vez que viu Cora Seaborne, embora na verdade sua lembrança da ocasião não fosse muito confiável, tendo sido forjada pela imagem de tudo que veio a seguir. Ela chegara naquele momento, como se tivesse sido chamada, fazendo uma pausa à porta da sala para avaliar a visita. Depois, havia atravessado o aposento acarpetado, parado para beijar a testa do marido e, postando-se atrás da sua cadeira, estendido a mão.

— Charles Ambrose me disse que nenhum outro médico serviria. Ele me deu o seu artigo sobre a vida de Ignaz Semmelweis: se o senhor corta tão bem quanto escreve, viveremos todos para sempre.

O elogio discreto foi irresistível, e a Garrett só restou rir e se inclinar sobre a mão estendida. A voz dela era grave, embora não tranquila, e a princípio ele pensou ouvir o sotaque nômade daqueles que jamais viveram muito tempo em um único país, mas na verdade tratava-se apenas de um pequeno problema de dicção, superado pela demora na pronúncia de determinadas consoantes. Estava vestida de cinza, e de maneira singela, mas o tecido da saia cintilava como o pescoço de um pombo. Era alta sem ser magra e os olhos, assim como a roupa, também eram cinzentos.

Nos meses que se seguiram, Garrett veio a entender um pouco o clima de mal-estar da Foulis Street, ao qual também se misturavam o aroma de sândalo e o de iodo. Michael Seaborne, mesmo no auge das dores, exercia uma influência maligna que pouco tinha a ver com o poder habitual dos inválidos. A esposa estava tão a postos com panos úmidos e um bom vinho, tão disposta a aprender como enfiar uma agulha na veia, que bem podia ter decorado um manual sobre os deveres femininos até a última sílaba. Mas Garrett jamais viu nenhum vislumbre de afeição entre Cora e o marido. Às vezes, tinha a impressão de que, na verdade, ela desejava que a vela efêmera se apagasse — às vezes, temia que ela o abordasse durante o preparo de uma seringa e dissesse: “Dê uma dose maior, um pouco maior.” Quando se inclinava para beijar aquele rosto de mártir famélico no travesseiro, era com cuidado que o fazia, como se achasse que ele ia se erguer da cama e lhe torcer o nariz para puni-la. Enfermeiras foram contratadas para os curativos, os banhos e a lavagem dos lençóis, mas raramente duravam mais de uma semana — a última (uma garota belga, religiosa) passara por Luke no corredor e sussurrara “*Il est comme un diable!*” e lhe mostrara o pulso, embora nada houvesse nele. Apenas o cão sem nome — fiel, sarnento, jamais distante da cama — não temia o dono, ou talvez ao menos tivesse se habituado a ele.

No devido tempo, Luke Garrett se achegara a Francis, o filho calado e de cabelo negro dos Seaborne, e a Martha, a babá do menino, que era

dada a ficar de pé com o braço rodeando a cintura de Cora Seaborne num gesto possessivo que desagradava a Garrett. Avaliações protocolares do paciente eram realizadas sem demora (afinal, o que havia a fazer?), e Luke era levado para analisar o fóssil de um dente recebido por Cora pelo correio ou para ser interrogado minuciosamente a respeito de suas ambições de aperfeiçoar a cirurgia cardíaca. Ele praticava hipnose nela, explicando como no passado a estratégia havia sido usada na guerra para tornar suportável a amputação de membros nos soldados; os dois jogavam partidas de xadrez, o que acabava deixando Cora magoada por descobrir que o oponente dirigira suas forças contra ela. Luke diagnosticou a si mesmo como apaixonado e não buscou cura para a moléstia.

Sempre esteve ciente de haver nela uma espécie de energia, armazenada e à espera de liberação; imaginava que, quando chegasse o fim para Michael Seaborne, os pés da viúva talvez deixassem marcas de raios nas calçadas. O fim chegou, afinal, e Luke esteve presente para o último suspiro, que foi difícil, ruidoso, como se no momento derradeiro o paciente pusesse de lado o *ars moriendi*, preocupado tão somente em viver mais um segundo. E, no fim das contas, Cora permaneceu igual, nem enlutada, nem aliviada: a voz falhou, uma vez, ao relatar que o cão fora encontrado morto, mas não ficou claro se ela estava prestes a rir ou a chorar. Assinado o atestado de óbito e com tudo que restou de Michael Seaborne descansando noutro lugar, não havia mais motivo concreto para Garrett se dirigir à Foulis Street; no entanto, ele acordava toda manhã com uma finalidade em mente e, chegando aos portões de ferro, descobria que era aguardado.

O trem chegou à estação Embankment e ele foi levado pela multidão na plataforma. Uma espécie de luto o tomou de assalto então, embora não por Michael Seaborne ou sua esposa: o que o preocupava mais que tudo era que esse podia ser o último de seus encontros com Cora — que seu derradeiro vislumbre dela viesse a ser por sobre o ombro, ao som do dobrar dos sinos.

— Mesmo assim — disse — preciso estar lá, ainda que apenas para ver lacrarem o caixão.



Para além dos guichês de passagens, o gelo derretia nas calçadas e o sol pálido se punha.

Vestida como a ocasião exigia, Cora Seaborne sentou-se diante do espelho. Pérolas em formato de gotas pendiam de fios de ouro colocados em cada orelha; os lóbulos estavam feridos, já que fora necessário furá-los novamente.

— No quesito lágrimas — disse ela —, estas vão ter que bastar.

O rosto fora empalidecido pelo pó de arroz. O chapéu preto não a favorecia, mas tinha um véu preto e um apanhado de plumas pretas, transmitindo o grau adequado de luto. Os botões forrados nos punhos pretos não foram abotoadas e permitiam entrever entre a barra da manga e a luva uma faixa de pele alva. O decote do vestido era um pouco mais generoso do que ela gostaria, revelando, na clavícula, uma cicatriz elaborada tão comprida quanto o polegar dela e quase da mesma largura. Tratava-se da réplica perfeita das folhas de prata nos castiçais de prata que flanqueavam o espelho de prata, um dos quais o marido pressionara em sua pele como se estivesse mergulhando o anel de sinete num punhado de cera. Cora ponderara esconder a cicatriz com maquiagem, mas acabara se afeiçoando a ela e sabia que em alguns círculos havia a crença invejosa de que fosse fruto de uma antiga tatuagem.

Deu as costas ao espelho e examinou o quarto. Qualquer visitante se deteria à porta, confuso, vendo de um lado a cama alta e macia e as cortinas adamsadas de uma mulher abastada e do outro a moradia de uma erudita. O canto mais extremo estava coberto por ilustrações botânicas, mapas arrancados de atlas e papéis em que se liam citações em grandes letras maiúsculas (JAMAIS SONHE QUANDO ESTIVER AO LEME! NÃO VIRE AS COSTAS PARA A BÚSSOLA!). Sobre a lareira, uma dezena de amonites estava organizada de acordo com o tamanho; acima, numa moldura dourada, Mary Anning e seu cão observavam um fragmento caído de uma rocha de Lyme Regis. Seria tudo isso seu agora — o tapete, as cadeiras, a taça de cristal que ainda exalava o aroma de vinho? Ela supunha que sim, e ante essa ideia uma espécie de leveza se lhe apossou das pernas, como

se fosse possível não mais ser dominada pelas leis de Newton e acabasse indo grudar-se ao teto. A sensação foi suprimida com decoro, mas ainda assim ela foi capaz de lhe dar nome; não era felicidade, propriamente, nem mesmo satisfação, mas alívio. Havia luto, também, decerto, e ela se sentiu grata por isso, já que, por mais insuportável que o marido tivesse sido no fim, ele a formara, ao menos em parte — e que proveito lhe traria sentir repulsa de si mesma?

— Ora, ele me fez, sim — disse, e as lembranças lhe acorreram como a fumaça de uma vela que se apagou.

Dezessete anos, morando com o pai numa casa nos arredores da cidade, a mãe havia muito falecida (embora não sem antes se certificar de que a filha não fosse condenada a bordar e falar francês). O pai, inseguro quanto ao que fazer com sua modesta fortuna e pessoa à qual todos os inquilinos dedicavam uma afeição desdenhosa, viajara a negócios e voltara na companhia de Michael Seaborne, a quem apresentara orgulhosamente a filha — Cora, descalça, com o latim na ponta da língua. O visitante tomara-lhe a mão e a admirara, reprovando-a por uma unha quebrada. Ele retornara, mais de uma vez, até passar a ser aguardado; trazia-lhe livros finos e pequenos objetos duros e inúteis. Zombara dela, pondo o polegar na palma de sua mão e esfregando, até que a pele começou-lhe a doer, fazendo toda a sua concentração se fixar naquele ponto. Na presença dele, os lagos em que nadava em Hampstead, os estorninhos ao anoitecer, as pegadas fendidas das ovelhas na lama macia, tudo parecia sem graça, sem importância. Ela passou a se envergonhar de tudo — das roupas largas e mal-ajambradas, do cabelo desalinhado.

Um dia ele disse:

— No Japão, eles consertam um vaso quebrado com gotas de ouro derretido. Que coisa incrível seria eu quebrar você e remendar suas feridas com ouro.

Ela tinha dezessete anos, porém, e a juventude era sua armadura, jamais deixando que sentisse a lâmina penetrar: riu, então, assim como ele. No décimo nono aniversário, trocou o canto dos pássaros por leques de plumas, grilos na grama alta por um casaco salpicado de pedrarias furta-cor como

as asas de besouros; foi apertada por barbatanas, furada por marfim, teve o cabelo preso por cascos de tartaruga. A dicção se tornou lânguida para esconder seus tropeços; não ia a pé a lugar algum. Ele lhe deu um anel de ouro demasiado apertado — um ano depois, outro, mais apertado ainda.

A viúva despertou dos devaneios ao ouvir passos no andar de cima, passos lentos e na cadência precisa do tique-taque de um relógio.

— Francis — disse ela. E, sentada em silêncio, aguardou.

Um ano antes da morte do pai, e talvez uns seis meses depois de o primeiro sinal da doença surgir à mesa do café da manhã (um inchaço na garganta que impediu a passagem de uma torrada), Francis Seaborne fora transferido para um aposento no fim do corredor no quarto andar da casa.

O pai da criança não teria o menor interesse por arranjos domésticos mesmo se não estivesse, à época, dando assistência ao Parlamento na aprovação de uma lei relativa a habitação. A decisão havia sido tomada exclusivamente pela mãe e por Martha, contratada como babá quando o menino era bebê e que, como ela mesma afirmava, jamais se decidira a ir embora. Concluiu-se que seria melhor manter Francis distante, já que o menino ficava irrequieto à noite e fazia constantes aparições à porta e até, uma ou duas vezes, chegava à janela. Ele jamais pedia água ou colo, como qualquer outra criança faria; apenas ficava parado à porta segurando um de seus muitos talismãs, até que o desconforto de ser observado levasse alguém a levantar a cabeça do travesseiro.

Logo após sua transferência para o que Cora chamava de Quarto Superior, o menino perdeu o interesse pelas excursões noturnas, satisfazendo-se em acumular (ninguém jamais usou o verbo “roubar”) o que quer que lhe aprouvesse. E organizava tais objetos segundo uma série de padrões complexos e desconcertantes que mudavam cada vez que Cora lhe fazia uma visita maternal; tinham uma beleza e uma extravagância que ela admiraria caso fossem obra do filho de outra pessoa.

Como era sexta-feira e o dia do enterro do pai, Francis se vestiu sozinho. Aos onze anos, ele sabia distinguir as extremidades da camisa e a

utilidade do item de vestuário na hora da soletração (“É NECESSÁRIO que a camisa tenha um Colarinho, mas duas Mangas”). O fato de o pai ter morrido lhe soava como uma calamidade, mas em nada pior do que a perda de um de seus tesouros no dia anterior (uma pena de pombo, bastante comum, mas que podia ser enrolada num círculo perfeito sem se partir). Quando ouviu a notícia — observando que a mãe não chorava, mas se encontrava rígida e também meio afogueada, como se estivesse próxima da descarga de um raio —, seu primeiro pensamento foi: *Não entendo por que essas coisas acontecem comigo*. Mas a pena sumira; o pai morreria; e aparentemente esperavam que ele comparecesse à igreja. A ideia o agradou. Ele disse, consciente de estar sendo bastante afável, dadas as circunstâncias:

— Uma mudança é tão boa quanto um descanso.

Nos dias que se seguiram à descoberta do corpo de Michael Seaborne, foi o cão quem mais sofreu. Ganiu à porta do doente e não conseguiram consolá-lo; um carinho talvez tivesse resolvido, mas, como ninguém afundaria a mão em seu pelo untuoso, o velório (“Ponha uma moeda nos olhos dele para o barqueiro”, disse Martha. “Não acho que São Pedro vá se dar ao trabalho...”) foi acompanhado pelo mesmo ganido agudo. O cão estava morto agora, claro, pensou Francis, acariciando com satisfação um pequeno tufo de pelos retirado da manga do pai, de modo que o único pranteador se tornou também um pranteado.

O menino não sabia direito quais os rituais envolvidos no descarte dos mortos, mas achou melhor ir preparado. O paletó tinha vários bolsos, cada qual contendo um objeto não propriamente sagrado, mas adequado, em sua opinião, ao acontecimento. Um par de óculos rachado, que oferecia uma visão prejudicada das coisas; o tufo de pelos (que, esperava, contivesse uma pulga ou um carrapato que, se desse sorte, teria uma gota de sangue dentro); a pena de um corvo, seu bem mais valioso, já que era azulada na ponta; um pedaço de tecido que ele arrancara da bainha de Martha, tendo ali observado uma mancha persistente no formato da ilha de Wight; e uma pedra com uma perfuração perfeita no centro. Com os bolsos recheados e os conteúdos conferidos, Francis desceu para encon-

trar a mãe e, ao longo de cada um dos trinta e seis degraus que levavam ao quarto dela, foi cantarolando:

— Aqui, *hoje*, foi-se o *amanhã*; aqui, *hoje*, *foi-se*.

— Frankie...

Como ele é pequeno, pensou ela. O rosto do filho, que curiosamente pouca semelhança tinha com qualquer dos genitores, exceto pelos olhos escuros e inexpressivos do pai, estava impassível. Ele penteara o cabelo, que, grudado à cabeça, exibia pequenos sulcos; o fato de ter se dado ao trabalho de mostrar tamanho asseio emocionou Cora, que estendeu a mão, mas deixou-a cair vazia no colo. Francis ficou ali em pé, apalpando os bolsos, e indagou:

— Onde ele está agora?

— Esperando por nós na igreja. — Será que deveria tomá-lo nos braços? Não que o menino parecesse, é preciso que se diga, muito necessitado de consolo. — Frankie, se você quiser chorar, não precisa ter vergonha.

— Se eu quisesse, chorava. Se eu quisesse fazer qualquer coisa, fazia.

Ela não o repreendeu pela resposta, já que, na verdade, o que ouvira era pouco mais do que uma declaração fática. Outra vez, ele apalpou os bolsos e Cora disse com delicadeza:

— Você vai levar seus tesouros.

— Vou levar meus tesouros. Tenho um tesouro para você — (apalpando o bolso) —, um tesouro para Martha — (apalpando o bolso) —, um tesouro para o papai — (apalpando o bolso) —, um tesouro para mim — (apalpando duas vezes o bolso).

— Obrigada, Frankie... — agradeceu Cora, desorientada.

Mas, afinal, lá estava Martha, iluminando o cômodo, como sempre, e dissipando com nada mais que a sua presença a leve tensão que pairara no ar. Martha tocou a cabeça de Francis, como se ele fosse uma criança feito outra qualquer, e seu braço forte cingiu a cintura de Cora. Ela cheirava a limão.

— Vamos, então — disse. — Ele nunca gostou de atrasos.

Os sinos de St. Martin dobraram pelo morto às duas horas, ecoando pela Trafalgar Square. Francis, cuja audição era impiedosamente aguça-

da, pressionou as mãos enluvadas contra os ouvidos e se recusou a entrar na igreja até que o último estrépito tivesse se dissipado, fazendo a congregação se virar para observar a chegada atrasada da viúva e do filho e soltar um suspiro aliviado: como estavam pálidos! Que comportamento mais adequado! E o que dizer daquele chapéu?!

Cora observou o evento vespertino com um distanciamento interessado. Ali, na nave, obscurecendo a visão do altar — num caixão pousado sobre o que lembrava uma mesa de açougueiro —, estava o corpo do marido, que ela não se recordava de um dia ter visto por inteiro, apenas em pequenos e por vezes amedrontados vislumbres de uma camada fina de carne muito branca cobrindo belos ossos.

Ocorreu-lhe que, com efeito, ela nada sabia da vida pública de Michael, passada (supunha) em recintos idênticos na Casa dos Comuns e em seu entorno, bem como no clube, onde ela não era admitida em razão da pouca sorte de haver nascido mulher. Talvez ele fosse generoso em outros lugares — sim, talvez fosse —, talvez Cora funcionasse como uma câmara de compensação para crueldades merecidas alhures. Havia uma espécie de nobreza aí, a bem da verdade: baixou os olhos para as mãos, como se esperasse que o pensamento lhe tivesse causado estigmas.

Acima dela, na galeria escura de pé-direito alto que aparentava flutuar no espaço mal iluminado a metros de altura sobre as colunas que a sustentavam, estava Luke Garrett. *Diabrete*, pensou. *Lá está ele!* E seu coração quase saltou na direção do amigo, palpitando de encontro às grades de suas costelas. O sobretudo não era mais apropriado à ocasião do que teria sido seu avental cirúrgico, e não havia dúvida de que ele andara bebendo muito antes de chegar ali e de que a moça a seu lado era uma conhecida recente cujo afeto estava além dos recursos de que ele dispunha; no entanto, a despeito da escuridão e da distância, com um olhar sombrio, ele lhe despertou vontade de rir. Martha sentiu o mesmo e lhe sapecou um beliscão na coxa, de tal modo que, mais tarde, quando taças de vinho eram servidas em Hampstead, Paddington e Westminster, comentava-se: “A viúva de Seaborne soluçou de dor justo quando o padre declarou que, *mesmo morto, ele continuará vivo*; de certa forma, foi realmente bonito de ver.”

Ao lado da mãe, Francis continuou a sussurrar, a boca colada no polegar, os olhos bem fechados; parecia de novo um bebê, e ela pousou a mão sobre a dele, que se encaixou na dela, perfeitamente imóvel e muito quente. Passado um tempo, Cora ergueu a própria mão e a pousou no colo.

Mais tarde, enquanto as batinas negras esvoaçavam tal qual gralhas por entre os bancos, Cora ficou de pé nos degraus e cumprimentou a congregação que partia, todos a imagem da gentileza e da solicitude — insistindo em lembrá-la de que tinha amigos na cidade; que seria bem-vinda, com o filho bonito, em qualquer jantar de que desejasse participar; que todos pediriam por ela em suas orações. Cora entregou a Martha tantos cartões de visita e tantos buquezinhos, além de livrinhos de orações e lencinhos debruados de preto, que um desavisado poderia confundir a ocasião com um casamento, embora não muito festivo.

Ainda não era noite, mas o gelo se adensara nos degraus, com um brilho duro sob o poste de luz, e a bruma estendia sobre a cidade sua tenda pálida. Cora estremeceu e Martha se aproximou um pouco mais, de modo que ela pudesse sentir o calor emanando daquele corpo compacto envolto no casacão que era o seu segundo melhor. Francis, postado a uma pequena distância, remexia com a mão esquerda no bolso do paletó, enquanto com a direita alisava o cabelo em um gesto espasmódico. Não parecia aflito, propriamente, caso em que uma das duas mulheres o teria acolhido entre elas, murmurando palavras de consolo ditas com imensa facilidade se necessárias. Em vez disso, o menino parecia educadamente conformado com a perturbação de uma rotina que lhe era cara.

— Que Deus tenha piedade de nós! — exclamou o dr. Garrett quando o último dos enlutados se foi, de chapéu preto, aliviado com o término da cerimônia e concentrado no lazer noturno e nas atividades matutinas. Então, com a rápida transição para a seriedade que lhe era tão irresistível, segurou a mão enluvada de Cora. — Muito bem, Cora. Você se saiu muito bem. Posso levá-la em casa? Me permita. Estou faminto. E você? Eu comeria um cavalo e mais um potro.

— Você não tem dinheiro para comprar um cavalo — interveio Martha, que só falava com o médico com aborrecimento evidente.



Fora *ela* quem o apelidara de *Diabrete*, embora ninguém se lembrasse mais disso. A presença do médico na casa da Foulis Street — a princípio por dever profissional e depois por devoção — constituía um aborrecimento para Martha, que sentia que a própria devoção era mais que suficiente. Garrett dispensara sua acompanhante e pusera no bolso superior do paletó o lenço debruado de preto.

— Mais que tudo, eu gostaria de uma longa caminhada — disse Cora.

Francis, aparentemente percebendo o súbito cansaço da mãe e vendo nisso uma oportunidade para obter alguma vantagem, aproximou-se sem demora e pediu que voltassem para casa de metrô. Como sempre, o pedido não se revestiu da forma habitual a uma criança, que ficaria feliz de vê-lo atendido, mas, sim, num tom ostensivamente exigente. Garrett, que ainda não aprendera a contornar a vontade implacável do menino, respondeu:

— Já tive a minha cota do Hades por hoje. — E gesticulou para chamar um cabriolé que passava.

Martha pegou a mão do garoto, que, por conta da surpresa total ante tamanha audácia, permitiu que ela ali ficasse, aninhada na luva.

— Eu levo você, Frank; vamos sair deste frio, não consigo sentir os dedos dos pés. Cora, decerto você não pretende fazer a pé todo o trajeto! São cinco quilômetros, no mínimo!

— Cinco e meio — emendou o médico, como se ele próprio tivesse pavimentado as ruas. — Cora, me permita caminhar com você. — O condutor do cabriolé fez um gesto impaciente e recebeu uma resposta obscena. — Você não deve, não pode ir sozinha.

— Não devo? Não posso? — Cora despiu as luvas, que não proviam mais escudo contra o frio que uma teia de aranha, e atirou-as em Garrett. — Me dê as suas. Não sei por que fazem estas nem por que as mulheres as compram. Posso andar e vou andar. Estou vestida para isso, sabe? — Erguendo a barra do vestido, revelou botas que seriam mais adequadas a um rapazola.

Francis virara as costas para a mãe, não mais interessado no rumo que a noite poderia tomar; tinha muito a fazer, de volta ao seu Quarto

Superior, e alguns objetos novos que exigiam sua atenção. Puxou a mão que Martha segurava e partiu em direção à cidade. Martha, lançando um olhar de desconfiança para Garrett e outro, sentido, para a amiga, despediu-se e mergulhou na bruma.

— Me deixe ir sozinha — pediu Cora, calçando as luvas emprestadas, tão puídas que aqueciam pouco mais que as suas. — Meus pensamentos estão de tal forma embaralhados que vou levar uns dois quilômetros para pô-los em ordem. — Tocou, então, no lenço debruado de preto no bolso de Garrett e acrescentou: — Apareça amanhã, se quiser, no cemitério. Eu disse que iria sozinha, mas talvez seja essa a ideia; talvez estejamos sempre sozinhos, a despeito de quem tenhamos como companhia.

— Você deveria ser seguida por um escriba para registrar sua sabedoria — elogiou o Diabrete em tom sarcástico, soltando a mão de Cora. Fez uma reverência extravagante e entrou no cabriolé, batendo a porta enquanto ela ria.

Maravilhada com a capacidade do homem de reverter por completo o ânimo dela, Cora não tomou de início a direção de casa, mas, sim, a da Strand. Gostava de encontrar aquele lugar em que o rio Fleet havia sido desviado para debaixo da terra, a leste de Holborn; havia um bueiro específico onde, num dia tranquilo, dava para ouvir o curso de água doce fluindo para o mar.

Chegando à Fleet Street, ela supôs que, caso apurasse o ouvido sob o ar cinzento, seria capaz de ouvir o rio correndo através de sua longa tumba, porém nada mais havia além dos ruídos de uma cidade que nem gelo nem bruma conseguiam dissuadir do trabalho ou do prazer. Ademais, tinham lhe dito certa vez que o rio já não passava de um esgoto, engordado não pela água da chuva que descia de Hampstead Heath, mas pela humanidade que se aglomerava em suas margens. Ficou ali um pouco mais, até as mãos doerem, geladas, e os lóbulos recém-furados das orelhas começarem a latejar. Deu um suspiro e tomou o rumo de casa, descobrindo que o mal-estar que no passado acompanhava a imagem da residência alta e branca na Foulis Street fora deixado para trás, largado em algum lugar sob os bancos escuros da igreja.

Martha, que aguardara com ansiedade a volta de Cora (pouco mais de uma hora depois, com as sardas visíveis sob o pó de arroz branco e o chapéu preto meio torto), acreditava piamente que apetite era sinal de uma mente saudável e observou com prazer a amiga comer ovos fritos e torrada.

— Vou ficar feliz quando tudo estiver encerrado — comentou. — Todos esses cartões, esses apertos de mão. Como me entedia a etiqueta da morte!

Na ausência da mãe, o filho, serenado pelo metrô, subira calado para o quarto e pegara no sono com o miolo de uma maçã na mão. Martha ficara à porta e, ao ver como seus cílios eram negros em contraste com a bochecha alva, sentira o coração amolecer. Um tufo de pelos do maldito cachorro encontrara o caminho até o travesseiro do menino; Martha imaginou piolhos e pulgas se esbaldando ali e se inclinou sobre a cama para removê-lo, de modo que Francis dormisse em segurança. Seu pulso, porém, deve ter tocado a fronha; o garoto despertou num abrir e fechar de olhos e, vendo os pelos na mão de Martha, soltou uma espécie de grito mudo de raiva, fazendo-a largar o tufo engordurado e sair correndo do quarto. Descendo a escada, Martha pensou: *Como posso ter medo dele, que não passa de um órfão de pai?* E por pouco não voltou para insistir que o menino lhe entregasse aquela asquerosa relíquia, e, talvez, ele até mesmo concordasse em receber um beijo. Então, uma chave foi enfiada de maneira ruidosa na porta e lá estava Cora, pedindo que a lareira fosse acesa, atirando longe as luvas, abrindo os braços para um abraço.

Mais tarde naquela noite, sendo a última pessoa a se recolher, Martha se deteve à porta do quarto de Cora; tornara-se um hábito nesses últimos anos contentar-se com a certeza de que tudo estava bem com a amiga. A porta de Cora estava entreaberta; uma tora de lenha na lareira soltava fagulhas. Parada à porta, Martha indagou:

— Você está dormindo? Posso entrar?

Como não obteve resposta, entrou e pisou no grosso tapete rosa-pálido. Sobre a lareira se achavam os cartões de visita e de pêsames, debruados de preto, com caligrafia elegante; um ramo de violetas amarrado com uma

fitas pretas caíam perto do fogo. Martha se abaixou para pegá-lo e as flores pareceram quase recuar, assustadas, para se esconder atrás das folhas em formato de coração. Mergulhou o ramalhete num copinho com água, que pôs onde a amiga o veria assim que acordasse, e se inclinou para beijá-la. Cora murmurou e se mexeu, mas não acordou, e Martha se lembrou de quando chegara à Foulis Street para assumir seu posto, imaginando que encontraria uma matrona arrogante com a cabeça oca por só pensar em mexericos e roupas da moda e de como a desconcertara o ser instável que a recebera à porta. Furiosa e fascinada, Martha descobriu que, nem bem se habituava a uma Cora, outra emergência: num instante uma menina que parecia uma estudante deslumbrada com a própria inteligência, no outro, uma amiga íntima de muitos anos; uma mulher que oferecia jantares extravagantemente elegantes, que praguejava quando o último convidado se retirava, soltava o cabelo e se estirava gargalhando junto à lareira.

Até mesmo sua voz era objeto de uma admiração confusa — o estranho semidefeito que surgia na fala quando estava cansada e certas consoantes a atrapalhavam. O fato de por trás do encanto inteligente (que, Martha sagazmente observou, podia ser aberto e fechado como a torneira do banheiro) haver feridas visíveis só a tornava mais querida. Michael Seaborne tratava Martha com o tipo de indiferença que devotava ao porta-chapéus no vestíbulo: ela era totalmente irrelevante — o patrão nem sequer a encarava quando se cruzavam na escada. Mas Martha, vigilante que era, não deixava passar coisa alguma — ouvia cada insulto polido, observava cada hematoma escondido —, e apenas com enorme esforço se impedia de planejar um homicídio pelo qual seria alegremente enforcada. Pouco menos de um ano depois que chegou à Foulis Street — numa madrugada, durante a qual ninguém dormira —, Cora fora a seu quarto. O que quer que lhe tivessem feito ou dito a levava a tremer de maneira descontrolada, embora a noite estivesse quente; o cabelo grosso e desarrumado estava úmido. Sem nada dizer, Martha erguera os lençóis que a cobriam e tomara Cora nos braços; erguera os joelhos para abrigá-la por inteiro e a abraçara bem forte, fazendo com que o tremor daquela mulher penetrasse em seu corpo. Liberto das convencionais barbatanas

de baleia e da roupa, o corpo de Cora era grande, forte. Martha sentiu as costelas se moverem em suas costas estreitas, o ventre macio que repousava em seu braço, os músculos potentes das coxas: havia sido como se agarrar a um animal que jamais aceitaria ficar imóvel. As duas acordaram frouxamente abraçadas, à vontade, e se separaram com uma carícia.

Animou-a saber que Cora não se entregara à cama no luto, mas, sim, ao velho hábito de se entreter com o que chamava de “seus Estudos”, como se fosse um rapaz se preparando para a universidade. Na cama, a seu lado, estava a velha pasta de couro que pertencera à mãe, cujo monograma perdera o lustro dourado e cheirava (assim insistia Martha) ao animal do qual viera. E havia também seus cadernos, escritos numa caligrafia pequena e bem desenhada, as margens cobertas, as páginas intercaladas por ervas e lâminas de gramíneas secas, e um mapa de um trecho do litoral marcado com tinta vermelha. Várias folhas de papel a cercavam e ela adormecera agarrada à sua amonite de Dorset. Dormindo, porém, apertara-a com demasiada força, despedaçando-a e ficando com a mão suja de terra.

FEVEREIRO

— Quer dizer: tomemos o jasmim, por exemplo — prosseguiu o dr. Luke Garrett, varrendo com a mão os papéis que cobriam a mesa, como se debaixo deles pudesse encontrar botões brancos prestes a desabrochar, e, encontrando, em vez disso, uma bolsa de tabaco, pôs-se a enrolar um cigarro. — O aroma é tão doce que chega a ser, ao mesmo tempo, agradável e repulsivo; as pessoas recuam e se aproximam, recuam e se aproximam, sem saber dizer se ele as enoja ou as seduz. Se pudéssemos assumir que dor e prazer não são polos opostos, mas partes de um todo, talvez conseguíssemos, afinal, entender... — Perdeu, então, o fio da meada e se pôs a procurá-lo.

Habituação a tais sermões, o homem junto à janela bebericava sua cerveja e disse com brandura:

— Na semana passada mesmo, você concluiu que todos os estados de dor são ruins e todos os estados de prazer são bons. Eu me lembro das suas palavras exatas, porque você as repetiu várias vezes, na verdade até as anotou para mim, caso eu me esquecesse delas. Devo ter o papel comigo... — acrescentou, apalpando, em um gesto irônico, cada bolso, corando depois, jamais tendo sido versado em zombaria afetuosa. George Spencer era tudo que Garrett não era: alto, abastado, louro, tímido, com sentimentos mais profundos do que a rapidez de seus pensamentos. Os que conheciam ambos desde os tempos de estudantes brincavam que Spencer era a boa consciência do Diabrete, amputada do dono sabe-se lá como, sempre correndo para acompanhar seu passo.

Garrett afundou-se mais na poltrona:

— Claro que, por um lado, *parece* totalmente contraditório e injustificável, mas, por outro, as melhores mentes podem conter pensamentos opostos ao mesmo tempo. — Franziu a testa, expressão que fazia seus olhos quase sumirem debaixo das sobrancelhas negras e da franja mais



negra ainda, e sorveu todo o líquido que restara no copo. — Deixe-me explicar...

— Eu gostaria, mas preciso encontrar alguns amigos para jantar.

— Você *não tem* amigos, Spencer. Nem eu mesmo gosto de você. Veja: é inútil negar que provocar ou vivenciar a dor é a mais repulsiva das experiências humanas. Antes de deixar os pacientes inconscientes, os cirurgiões vomitavam horrorizados ante o que estavam prestes a fazer; homens e mulheres são preferiam abreviar suas vidas a enfrentar a faca, inclusive você preferiria, e eu também! Ainda assim, é impossível dizer o que efetivamente é a dor ou como de fato é senti-la, ou se o que dói numa pessoa dói em outra; é mais uma questão da imaginação do que do corpo. Dito isso, você entende como a hipnose deveria ser valorizada? — Semicerrando os olhos ao encarar Spencer, Garrett prosseguiu: — Se você me disser que se queimou e está sofrendo, como vou saber se a sensação que me relata tem alguma semelhança com a que eu teria se sofresse o mesmo ferimento? Tudo que eu poderia dizer é que ambos vivenciamos alguma reação física a um estímulo idêntico. Sim, provavelmente nós dois gritaríamos e recorreríamos à água fria durante uns instantes, mas como saber que você não está na verdade tendo uma sensação que, caso assaltasse a mim, me faria gritar de um jeito totalmente distinto? — Como um lobo, arreganhou os dentes e foi em frente: — Faz diferença? Mudaria o tratamento que um médico lhe prescreveria? Se você começa a questionar a veracidade, ou, suponho, o valor da dor, como evitar negar ou prestar cuidados segundo algum padrão que você mesmo admite ser inteiramente arbitrário?

Perdendo o interesse, Garrett se inclinou para pegar os papéis caídos no chão e se pôs a separá-los em pilhas organizadas.

— Não faz a mínima diferença para todos os efeitos práticos. A ideia apenas me ocorreu, só isso. As coisas me ocorrem e gosto de falar sobre elas, e não tenho outra pessoa com quem falar. Eu devia arrumar um cachorro.

Spencer, ao perceber o ânimo do amigo se tornar sombrio, pegou um cigarro e, ignorando o tique-taque do relógio no pulso, sentou-se numa

cadeira dura e examinou o aposento. Estava obsessivamente limpo, e o parcimonioso sol de inverno não tinha como iluminar um cisco de pó, por mais que tentasse. A mobília consistia em duas cadeiras e uma mesa, cujo pé era formado por dois caixotes emborcados. Um pedaço de pano pregado à janela tinha a aparência desgastada e desbotada devido a múltiplas lavagens, e a lareira de pedra branca reluzia. Havia um aroma forte de limão e antisséptico, e sobre a lareira sobressaíam as fotografias emolduradas em preto de Ignaz Semmelweis e John Snow. Acima da pequena escrivaninha via-se um desenho (assinado LUKE GARRETT, TREZE ANOS) de uma serpente enroscada num cajado farejando o ar com a língua bífida: o símbolo de Asclépio, arrancado do ventre da mãe quando ela já estava na pira funerária e que, mais tarde, se tornou o deus da cura. As únicas comidas e bebidas que Spencer já vira no topo dos três lances de escada caiada haviam sido cerveja barata e bolachas Jacob's. Ele baixou os olhos para o amigo, consciente do embate familiar entre frustração e afeto que sempre sentia na sua presença.

Spencer podia se lembrar com perfeita clareza do primeiro encontro dos dois no auditório do Royal Borough, o hospital-escola onde Garrett comprovou ser superior aos mestres, quer em teoria, quer em compreensão, suportando seus ensinamentos com má vontade, exceto quando estudava anatomia cardíaca e o sistema circulatório, ocasiões em que se tornava tão infantil e eufórico que dava a impressão de ser um zombeteiro, o que, com frequência, resultava em sua expulsão da sala de aula. Spencer, sabendo que a única maneira de disfarçar e superar os limites da própria inteligência era estudar, e estudar muito, evitava Garrett. Desconfiava que nada de bom resultaria de ser visto com ele e, ademais, tinha um certo medo do brilho sombrio por trás dos olhos do rapaz. Ao encontrá-lo, certa tarde, muito depois de o laboratório ficar vazio, quando suas portas supostamente se encontrariam trancadas, pensou a princípio que o outro estivesse perturbado ao extremo. Garrett, sentado com a cabeça baixada na direção de uma das bancadas riscadas e chamuscadas pela ação do bico de Bunsen, observava com muita atenção algo entre as mãos estendidas.

— Garrett? É você? — indagou Spencer. — Está tudo bem? O que está fazendo aqui tão tarde?


Garrett não respondera, mas virara a cabeça, e o sorriso sarcástico que em geral lhe mascarava o rosto não estava presente. No lugar, um sorriso franco de imensa doçura fez Spencer achar que Garrett o confundira com um amigo. Garrett, porém, fez um gesto e disse:

— Olhe! Venha ver o que eu fiz!

A primeira impressão de Spencer foi que Garrett tivesse adotado o passatempo de bordar, o que não seria totalmente estranho: todo ano havia um concurso envolvendo os cirurgiões estudantes para ver quem era capaz de dar os pontos mais perfeitos num quadrado branco de seda, e alguns afirmavam praticar com teias de aranha. O que prendia a atenção de Garrett era um belo objeto que parecia um leque japonês em miniatura com uma borla trançada de um jeito bastante intrincado no cabo. A largura não era maior do que a de seu polegar, e os desenhos nas cores azul e escarlata sobre o fundo creme amarelado eram tão delicados que mal se podiam identificar os pontos em que as linhas atravessavam a seda. Inclinando-se para olhar mais de perto, sua visão se aguçou e Spencer se deu conta do que tinha diante dos olhos: uma porção seccionada de maneira perfeita do revestimento de um estômago humano, cortada fina como papel, injetada com tinta a fim de mostrar o traçado das veias e impressada entre duas lâminas de vidro. Artista algum seria capaz de replicar as laçadas e ondulações delicadas de veias e artérias, que não formavam desenho algum, mas onde Spencer achou ter visto a imagem de árvores desnudas na primavera.

— *Oh!* — Ele encontrara o olhar de Garrett e ambos partilharam uma expressão de deleite que criou um laço jamais rompido por nenhum dos dois. — Você fez isso?

— Fiz! Uma vez, quando eu era jovem, vi uma imagem de algo assim, da autoria de Edward Jenner, acho. Falei para o meu pai que eu faria uma igual, mas duvido que ele tenha acreditado em mim. E aqui estamos nós, e aqui está isto. Invadi o necrotério. Você não vai contar, vai?



**L**ondres, 1893. É com alívio e tristeza que Cora Seaborne se torna viúva. Depois da morte do marido controlador, ela se muda da metrópole para o condado de Essex com o filho Francis, um menino obsessivo e curioso, e a babá do garoto, Martha, na esperança de que a mudança de ambiente e o ar puro possam servir de refúgio para a família.

Ao se instalarem nesse novo lugar, porém, ela logo fica sabendo de boatos sobre a Serpente de Essex, uma criatura mítica que, no passado, segundo a lenda local, vagava pelos pântanos ceifando vidas, e que agora teria voltado para aterrorizar a paróquia costeira de Aldwinter. Cora, uma naturalista amadora sem paciência para superstições, se encanta pela história, convencida de que o monstro descrito pela população é, na verdade, uma espécie ainda não conhecida. Ao iniciar uma busca a partir dos rastros dessa lenda, ela é apresentada a William Ransome, o vigário de Aldwinter, um homem incrédulo e desconfiado que teme que essas invenções e fantasias distraiam as pessoas do verdadeiro caminho da fé.

Enquanto William tenta acalmar seus fiéis, ele e Cora procuram descobrir a verdade por trás do mito e, embora completamente diferentes, estabelecem uma relação intensa e surpreendente na mesma medida. *A Serpente de Essex* é uma celebração do amor e das várias formas pelas quais ele pode se manifestar.

### SAIBA MAIS:

[www.intrinseca.com.br/livro/1158/](http://www.intrinseca.com.br/livro/1158/)

